



## O DISCURSO NEOLIBERAL DA PLATAFORMA AIRBNB: EFEITOS DE SENTIDO ENTRE MORAR E TRABALHAR

Paloma Bianca Lopes de Assis<sup>1</sup>

Tiago Alves da Silva Lopes<sup>2</sup>

Este trabalho surgiu a partir de reflexões no grupo de pesquisa diADorim, coordenado pela Profa. Dra. Greciely Costa, pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb/Unicamp, sobre discurso e espaço urbano, no qual buscamos concatenar nossas pesquisas sobre o trabalho plataformizado e o direito à moradia. Nas condições históricas e sociais de produção atuais, o funcionamento do digital dentro do contexto neoliberal faz parte da constituição de sujeitos, em toda sua opacidade algorítmica de um espaço discursivo e material próprio (Dias, 2018). Isso tem atravessado e reconfigurado as redes de sentidos, por exemplo, sobre trabalho e moradia.

Nesse contexto, a plataformização configura um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho por meio de plataformas digitais (Abílio; Amorim; Grohmann, 2021). Como consequência, o digital tem sobredeterminado certas relações, à medida que a tensão com o aparelho jurídico (Dias, 2018) e o monopólio de dados permite às empresas-plataformas atuarem sem a intervenção/regulação do Estado e até mesmo no lugar dele (Antunes, 2020). Além disso, o espaço digital torna-se um lugar profícuo para a “naturalização das tomadas de posições neoliberais, como meras evidências e expressão inatingível da realidade” (Dahlet, 2015, p. 206).

Considerando o espaço urbano como um “espaço material simbólico com uma quantidade de sujeitos vivendo dentro” (Orlandi, 2004, p. 62) e fazendo a substituição de “vivendo” por “morando” e “trabalhando”, é possível observar um importante deslocamento de sentidos, pois esta substituição permite uma reflexão sobre a produção de sentidos e de sujeitos mobilizada pelo advento da plataformização que determina o morar e o trabalhar em um mesmo espaço.

Isso ocorre na plataforma Airbnb, onde há uma modalidade de locação, na qual a moradia é monetizada. O sistema se faz a partir do usuário que aluga uma peça de sua residência (ou toda ela), denominado anfitrião, para “aumentar sua renda”. Já o hóspede, está interessado na praticidade e em reduzir os gastos de sua hospedagem, numa relação de trabalho denominada Economia do Compartilhamento (Martin, 2016). Nesse ponto, registramos nossa tomada de posição que compreende a economia do compartilhamento, pela qual se discursivizam a plataformização, como falaciosa, à medida

---

<sup>1</sup> Doutoranda em linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)-Unicamp, orientanda da Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa.

<sup>2</sup> Doutorando em linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)-Unicamp, orientando da Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa.

que, não há como se fazer economia com sentidos de laços de coletividade, por sujeitos individualizados no neoliberalismo.

Ao contrário de plataformas como *Booking* em que encontramos hotéis, o Airbnb é dedicado em oferecer moradias inteiras ou quartos, majoritariamente oriundos de pessoas físicas. Trata-se de um grande catálogo *on-line* de moradias. Para alugar um espaço, ou oferecer, na plataforma é necessário fazer um perfil no *site*, como “anfitrião” ou “hóspede”, que estará sujeito a avaliações. Além disso, as transações financeiras são feitas por meio de cartão de crédito, tanto hóspedes quanto anfitriões pagam taxas à plataforma.

Depois de uma hospedagem, abre-se espaço para cada um deles falar sobre o outro, atribuir uma nota e dar um certo tipo de validação: se aquele que hospeda ou aluga é apropriado para seguir na plataforma, se cumpriu o combinado etc. Isso gera uma espécie de arquivo no perfil das pessoas, pois as avaliações são públicas e, salvo exceções, são permanentes e não editáveis. A dissertação de Rafael de Oliveira já foi dedicada em explorar o funcionamento do Airbnb, segue uma citação do autor:

Nesse processo, há a formação de uma comunidade, onde é concebível avaliar e ser avaliado pelos demais membros, o que produz um efeito de sentido de segurança, pois se um hóspede tem interesse em locar um imóvel anunciado e outras pessoas já se hospedaram nele e o descreveram por meio de impressões positivas, isso leva o novo interessado a crer que esse anúncio seja uma boa opção (Oliveira, 2021, p. 53).

Nesse trabalho, o autor também conta a história de origem da plataforma, que nos parece seguir o modelo “mítico” neoliberal do enriquecimento abrupto, dos negócios de garagem que tem um crescimento repentino. Seriam duas pessoas que moravam de aluguel e não teriam dinheiro para pagar as contas do mês, estava tendo um evento na cidade deles e resolveram anunciar o sofá da casa na Internet. Dessa experiência, teriam tido a ideia da plataforma, hoje multibilionária e global.

Sendo a plataformização um fenômeno multidisciplinar, em termos da prática acadêmica, torna-se relevante analisá-la discursivamente. Isso porque as relações de produção não existem no vácuo do simbólico, como se a infraestrutura, na metáfora marxiana, carregasse os processos por si mesma, mas são constituídas e atravessadas pelo simbólico, por dizeres que garantem a produção e reprodução das práticas socioeconômicas, também dando forma à resistência.

Compreender o processo de formação de sentidos, em sua historicidade e contradição, pela Análise de Discurso (AD), é pertinente para entender o “encaixe/desencaixe” dos sujeitos em formações discursivas. Por exemplo, os enunciados publicitários acerca do Airbnb não podem ser apreendidos como mera enganação, dizeres que omitem a verdade. Senão entender o funcionamento discursivo que potencialmente desestrutura/reestrutura as redes de memória sobre o trabalho, a moradia e a cidade. São novas formas de identificação que vão constituir o sujeito neoliberal, não é algo separado das relações de produção.

Diante do exposto, objetivamos examinar o funcionamento discursivo da plataforma Airbnb em enunciados retirados do Site da empresa e o programa “Viva em qualquer lugar no Airbnb” (Airbnb, [s.d.]).

Para isso, faremos o seguinte percurso: i) descrever as condições de produção envolvidas nas relações estabelecidas na referida plataforma; para então, ii) analisar a constituição do sujeito neoliberal no Airbnb e, por fim, iii) refletir sobre as relações entre sujeito neoliberal, plataforma digital e espaço urbano.

Pensando sobre as condições de produção, em termos de formações imaginárias (Pêcheux, 2010), observa-se que os usuários da plataforma são designados como “anfitriões” e “hóspedes”, além disso, esses usuários são compelidos a construir um perfil nos termos determinados pela própria plataforma por meio de sugestões por ela fornecidas, tais como: “Do que você gosta muito? Compartilhe algo que você ama fazer e dê exemplos: Fazer focaccia de alecrim....”

As supostas sugestões de montagem de perfil atrativo do Airbnb vão modelando o sentido informal por onde se funda a imagem dos usuários do programa. É assim que uma relação com sentidos tão formais, como poderíamos pensar sobre as relações de locação de imóveis, se passam por relações amigáveis, de uma personalidade que nem parece tratar-se de um modelo de negócio rentável do mercado imobiliário. Diante dessas projeções, denominações como hóspede/hospedagem comuns às atividades econômicas do segmento de locação imobiliária, passam a se filiar a uma memória inscrita nas relações pessoais daquele que recebe seu familiar ou amigo para uma temporada em sua casa.

Em suma, compreendemos que em termos de condições de produção, as imagens perspectivadas metaforizam relações pessoais como forma de apagamento dos sentidos trabalhistas e econômicos dessa relação.

A questão que precede essa análise é sobre como o sujeito neoliberal se constitui dentro da plataforma Airbnb. Para pensarmos sobre isso, traremos o pensamento de Dufour (2005) para nossas reflexões. Para o autor, o neoliberalismo fabrica um sujeito apto a realizar todas as trocas mercadológicas e, assim, dessimboliza o mundo, o que implica na destituição de todos os valores simbólicos (moral, tradicional, transcendental) (Dufour, 2005, p. 13).

Para pensar a dessimbolização do mundo, o autor narra um trecho de um documentário de Yves Billon, feito no início dos anos 1970, sobre o destino dos índios Pakaranas no qual é descrita a política instituída pelo Estado brasileiro, dita como sendo de contato obrigatório para desmontar as reações de autodefesa dos índios, vejamos:

A técnica de abordagem é simples, mas de uma duvidosa eficácia: edificam-se tapini, abrigos rudimentares de vegetação em que são presos ‘presentes’. Uma vez estabelecido contato, um ‘campo de atração indígena’ é estabelecido, o que precipita o indígena na engrenagem fatal das trocas de mercadorias. O processo de aculturação é brutal, destrutivo e extremamente rápido. Resta apenas enclausurá-los em reservas indígenas em que as taxas de suicídio, individual e coletivo, são consideráveis... (Dufour, 2005, p.12).

Sobre isso que Dufour (2005) chama de engrenagem fatal das trocas mercadológicas, nos questionamos acerca do *tapini* que vem sendo edificado na Formação Social Capitalista Neoliberal e sobre

o tipo de troca que está sendo estabelecida. Para isso, vejamos alguns excertos extraídos da aba Central da Comunidade no Airbnb:

- I) *“A casa, que hoje está no Airbnb foi palco da infância...”* (Central da Comunidade, Airbnb)
- II) *“Sempre tivemos o sonho de ter uma área de lazer e há pouco concretizamos este sonho, devido não usufruirmos todo o tempo, acabamos que conciliando com as locações;”* (Central da Comunidade, Airbnb)
- III) *“Meu marido e eu moramos no Leblon, e, por ser muito bem localizada, em períodos festivos arrumamos tudo, fazemos nossas malas e deixamos a casa para os hóspedes.”* (Central da Comunidade, Airbnb)

Os excertos acima são trechos extraídos de um fórum criado pela plataforma e destinado aos “anfitriões” para que eles possam compartilhar suas experiências de locação. Ao observarmos esses excertos, identificamos a destituição de alguns valores para que apenas o valor da mercadoria possa prevalecer. Como no excerto I “a casa... palco da infância”, “a área de lazer dos sonhos”, “o apartamento em localização privilegiada”, tudo isso e os sentidos outros que residem nessas falas entram na engrenagem de troca e de repente tudo o que um dia foi significado como sonho e vivência figura como uma mercadoria a ser comercializada.

Assim, o sujeito neoliberal se constitui na supremacia do valor econômico em detrimento aos outros, um processo semelhante aos tapinis, como vimos. Orlandi (2015) identificou esse processo como característico da política neoliberal, no que a autora denominou de de-significação. Para Orlandi (2015, p. 58), a individualização do discurso é basilar no neoliberalismo e se dá com a introdução de um “viés pragmático e empresarial”.

Para trabalhar o conceito de de-significação, Orlandi (2015) analisou os sentidos de liberdade interditados durante a ditadura. Essa interdição produziu faltas na memória, a ausência de um já-dito do qual elabora-se um processo de significação que não passa pelo esquecimento e nem pela metaforização, mas pela redução do sentido. Orlandi (2015) observou que os sentidos de liberdade são de-significados e começam a produzir efeitos economicistas ligados à lógica neoliberal, tais como o de entrada livre ou gratuita. Isso para a autora efetua a banalização do sentido de liberdade, pois há uma desconexão com a memória.

Do mesmo modo, vimos em nossa análise que os sentidos de casa não são esquecidos e nem transferidos, eles passam a conviver com o sentido econômico, uma convivência que não é pacífica, uma vez que os sentidos se subordinam ao sentido econômico, reduzindo-se a moeda de troca. A capacidade do sujeito neoliberal de monetizar valores sentimentais e, porque não dizer, transcendentais é atravessada pela habilidade que esse sujeito adquire de converter esses valores em dados no digital e isso tem consequências no espaço urbano, como veremos a seguir.

Agora sobre o programa “Viver em qualquer lugar no Airbnb”, separamos os seguintes trechos com destaques nossos:

**1º material:**

Inspirada na crescente flexibilidade de se **trabalhar e viver em qualquer lugar**, o Airbnb lança um programa em que 12 pessoas de diferentes países vão viver, por um ano, exclusivamente em acomodações disponíveis na plataforma. No programa “Live Anywhere on Airbnb” (Viver em Qualquer Lugar no Airbnb), os participantes poderão fazer do mundo a sua casa, seja realizando reuniões online na praia, pegando a estrada com a família ou aprendendo uma nova língua na sua cidade favorita (Airbnb, [s.d.]).

**2º material:**

JORNALISTA INTERNACIONAL E EXPATRIADA

Imani Bashir

Quer eu esteja viajando sozinho ou com minha família, **o Airbnb é meu lar longe de casa**. Viver em qualquer lugar me dá a oportunidade de realmente sentir que pertencço a ele em vez de só ficar por um tempo limitado (Airbnb, [s.d.]).

NÔMADE DIGITAL

Samantha Scott

"Por causa do Airbnb, **posso chamar qualquer lugar de lar**. O que posso dizer para quem está pensando em adotar um estilo de vida nômade é: se você não tentar, nunca vai saber! (Airbnb, [s.d.]).

Em uma primeira análise, nos chamou a atenção a coordenação “trabalhar e viver” encontrada na descrição do programa “Viver em Qualquer Lugar no Airbnb”, transcrita acima no 1º material. Aqui, há a incidência de que o espaço alugado está relacionado a um espaço de trabalho, ou seja, o lugar para viver é o lugar para trabalhar. Também notamos duas contradições imediatas: entre ter um lar e ser nômade; e viver em qualquer lugar e viver no Airbnb.

O 2º material apresenta depoimentos de “hóspedes que já vivem no Airbnb”. Para fins dessa análise, selecionamos os relatos de Imani e Samantha, os quais incide a caracterização da plataforma como “lar”, que transforma “qualquer lugar” em “lar”. Não aparecem quaisquer menções sobre as fronteiras e burocracias de residir em outros países, como se a plataforma permitisse tudo, basta utilizar e pagar o Airbnb.

É parte da configuração atual do sujeito de direito ter um nome, um sexo, um endereço etc. Pensando a tópica cívica a partir de Orlandi (2017, p. 121), entendida como a “articulação entre relações espaciais e formações sociais [...] que dão forma e sentido aos sujeitos urbanos, aos ‘cidadãos’”, a partir dos relatos podemos propor uma formulação: o Airbnb me permite ser um cidadão global. O sujeito então se significa espacialmente, na tensão entre o digital e o “real”, com um opaco “mundo”, sem referência a lugares (todos estão disponíveis).

Podemos parafrasear “Viva em qualquer lugar no Airbnb” em “Viva em qualquer lugar, **desde que use** o Airbnb”. A liberdade e o espírito aventureiro que encontramos na descrição do Site estão circunscritos nas hospedagens da plataforma. O espírito livre e nomadismo estão subordinados a comprometer parte do salário para a plataforma, um nômade de novo tipo, um nômade de plataforma. Para “chamar qualquer lugar de lar”, é necessário não ter um lar fixo, não ter uma residência. Vemos aqui mais uma concessão da qual o

sujeito neoliberal está disposto a fazer, a destituição do sentido de lar como habitação fixa, onde se permanece por um longo tempo.

O rompimento com esse sentido de lar que deixa de ser um lugar específico para tornar-se qualquer lugar no mundo, nos coloca algumas questões, onde se faz necessário que falemos de outros processos de interpelação-identificação que atravessam o sujeito neoliberal e são tão necessários para a produção de evidências, são elas: O nomadismo seria possível apenas para o sujeito de dados (Dias, 2018)? O sujeito de direito (Pêcheux, 2014) não teria livre acesso ao “mundo”, está condicionado a contingências e possibilidades jurídico-materiais, ser nômade só seria possível no digital?

São essas as questões que nos deparamos ao final dessa análise, sem pretendermos esgotá-las e já encaminhando para um fechamento, diremos que o nomadismo de plataforma, como estamos compreendendo, expressa uma sobreposição entre o sujeito de dados (Dias, 2018) e o sujeito de direito (Pêcheux, 2014). Ser nômade de plataforma desfaz o laço do sujeito com o espaço urbano, ele não se fixa mais em um lugar físico, ele se fixa na plataforma. Ou seja, a plataforma propicia o nomadismo como livre acesso ao mundo, uma liberdade condicionada ao digital. Esse processo impõe desafios ao direito, na avidez por abarcar todas as relações, e ao Estado, uma vez que ao fixar-se no digital, rompe-se barreiras físicas. Assim, o espaço urbano passa a ser composto por lares que são de todos e de ninguém ao mesmo tempo, na ilusão de liberdade que toma o sujeito e introduz sempre novas formas de reprodução das relações sociais.

## REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Ludmila C.; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Dossiê Sociologias**, v. 23, n. 57, 2021.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- AIRBNB. **Início**. Disponível em: <https://www.airbnb.com.br>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- AIRBNB. **Live Anywhere**: Descubra novos destinos para o trabalho remoto. Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/d/liveanywhere>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- COSTA, Greciely Cristina. **Sentidos de milícia**: entre a lei e o crime. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- DAHLET, Patrick. (Re)produzir o inquestionável: nominalização, generalização e naturalização no discurso neoliberal. **EID&A**, Ilhéus, n. 8, p. 206-221, 2015.
- DUFOUR, D. R. **A arte de reduzir as cabeças**: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2005.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- MARTIN, Chris. J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? **Ecological Economics**, v. 121, p. 149-159, 2016.
- MARX, Karl. **O Capital** - Livro 1 (Coleção Marx e Engels). 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. Edição do Kindle.
- OLIVEIRA, Rafael. **(In)distinção entre a casa e a rua**: uma análise dos discursos sobre o airbnb na/em rede. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava,



2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN\\_fbd1ce7a4f94a82f65f277a077a588f5](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN_fbd1ce7a4f94a82f65f277a077a588f5). Acesso em: 10 nov. 2023.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: Os silêncios da memória. *In*: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Eu, Tu, Ele** – Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise Automática do Discurso. *In*: GADET, F.; T. HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. [1983] **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: UNICAMP, 2015.